

# Atividade extrativista está perto da extinção

Mesmo os defensores dos seringueiros admitem que a extração do látex não tem futuro econômico



**XAPURI** — Os seringueiros, que revelaram sua existência ao mundo graças à militância internacional de Chico

Mendes, fazem parte de um grupamento profissional em extinção. Mesmo os mais ardorosos defensores dos chamados "povos da floresta" não hesitam em afirmar que a colheita de látex de árvores aleatoriamente espalhadas pela floresta perdeu o sentido. "A borracha não tem futuro econômico", reconhece a antropóloga Mary Alegretti, do Instituto de Estudos Amazônicos (IEA) e uma das responsáveis por tornar conhecida a vida dos seringueiros fora do País.

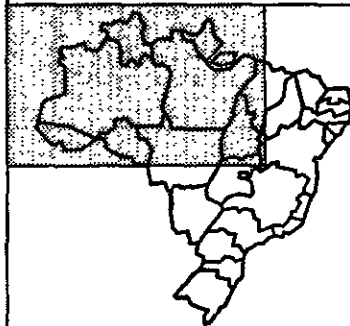
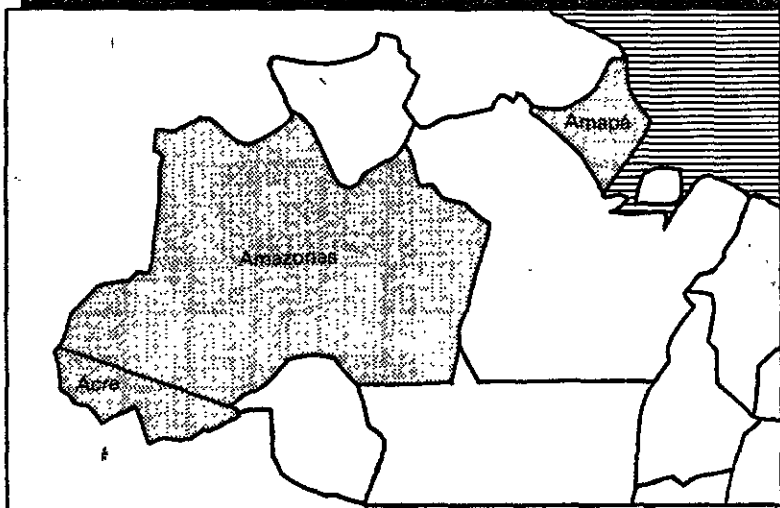
Os seringueiros vivem mal, ganham pouco, têm muitos filhos e estão, em sua maioria, alheios às vantagens deste final de século 20. O preço da borracha nacional é três vezes maior que o cobrado no Exterior. Um hectare de floresta com seringueiras rende dois quilos de borracha por ano. O mesmo hectare em um seringa de cultivo rende 800 quilos. A borracha nacional extraída da floresta também tem uma importância mínima no mercado: responde por apenas 7,4% das necessidades de consumo brasileiras.

Apesar do anacronismo da profissão, são os seringueiros os responsáveis pela ocupação da Amazônia. De acordo com um estudo recente do IEA, em convênio com o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), os seringueiros têm uma população estimada em 80 mil pessoas, cada uma ocupando 500 hectares de floresta. O extrativismo é a atividade econômica de 90 milhões de hectares da Amazônia, correspondendo a um quarto da floresta.

Os antropólogos e sociólogos que acorreram à Amazônia durante os últimos anos concluíram que a única solução para a sobrevivência sem devastação na região é o aproveitamento

## Reservas extrativistas no Norte

Até o final do próximo ano o Governo Federal pretende criar outros projetos, aumentando o número de famílias assentadas nas reservas



|             | Área (ha) | Famílias |
|-------------|-----------|----------|
| Acre        | 166.586   | 563      |
| Amapá       | 323.500   | 1.068    |
| Amazonas    | 399.462   | 1.293    |
| Total geral | 889.548   | 2.914    |

Fonte: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)

da diversidade de formas de vida da floresta e sua transformação em produto econômico. Uma pesquisa publicada na revista Science, em outubro de 1988, revelou que um hectare de floresta seria capaz de render US\$ 6 mil por ano, desde que todos os recursos de flora fossem aproveitados. "É o que chamamos de produtos não derivados da madeira", afirma Mary Alegretti. Trata-se de uma tentativa de tirar dinheiro da floresta sem arrancar as árvores.

A alternativa sugerida por esses especialistas é a ampliação de reservas extrativistas, territórios que pertencem ao governo federal, mas cujo usufruto é da população nativa, que sobrevive dos recursos renováveis da floresta. Existem no País quatro reservas (duas no Acre, uma em Rondônia e outra no Amapá), todas criadas no governo José Sarney. Juntas, elas somam 2,1 milhões de hectares.

O Conselho Nacional dos Se-

ringueiros pretende criar em breve um centro de pesquisas para estudar novos recursos da floresta. "Vamos provar que a floresta em pé é mais rentável que a pecuária", afirma o presidente do CNS, Júlio Barbosa de Aquino. Deve originar-se então um diagnóstico eco-sociológico e o mapeamento do potencial de cada uma das reservas. Depois os seringueiros querem estabelecer um manejo racional da floresta e da agricultura.

No Japão, na Inglaterra e nos Estados Unidos, empresas e entidades preocupadas em preservar a floresta querem cada vez mais consumir produtos da Amazônia. Os seringueiros dizem que têm clareza da importância dessa inserção, mas querem desenvolver estratégias de auto-defesa econômica. Uma de suas formas seria desenvolver tecnologias apropriadas para agregar valor nas próprias comunidades, evitando exportar a matéria-prima.